

# Martinho Lutero e os Wesley

Martin Luther and the Wesleys

Martín Lutero y los Wesley

Duncan Alexander Reily

## RESUMO

O autor faz uma comparação entre Martinho Lutero e os irmãos Wesley em três “momentos”: o impacto das escritas de Lutero em Henrique VIII, o impacto do pietismo [luterano] alemão nos Wesley em Geórgia e, terceiro, a importância da experiência religiosa de John Wesley de Aldersgate em 23 de maio de 1738.

**Palavras-chave:** Martinho Lutero; John Wesley; Henrique VIII; Charles Wesley; pietismo..

## ABSTRACT

The author makes a comparison between Martin Luther and the Wesleys in three “moments”: the impact of the writings of Luther to Henry VIII, the impact of German pietism [Lutheran] on Wesley in Georgia and third, the importance of the John Wesley's religious experience in Aldersgate at the 23rd of May 1738.

**Keywords:** Martin Luther, John Wesley, Henry, Charles Wesley; Pietism.

## RESUMEN

El autor establece una comparación entre Martín Lutero y los hermanos Wesley en tres “momentos”: el impacto de los escritos de Lutero en Henrique VIII, el impacto del pietismo [luterano] alemán sobre los Wesley en Georgia y, tercero, la importancia de la experiencia religiosa de John Wesley en Aldersgate el 23 de mayo de 1738.

**Palabras clave:** Martín Lutero; John Wesley; Henrique VIII; Charles Wesley; pietismo.

O mundo cristão comemora este ano o quinto centenário do nascimento de Martinho Lutero em Eisleben, no dia 10 de novembro de 1483. Compreensivelmente, os Luteranos do mundo todo estão festejando a ocasião, não apenas por contar de novo os fatos bem conhecidos da vida do famoso reformador, como também por serias tentativas de compreender o homem e a sua obra a luz do seu próprio tempo e avaliar o seu significado para os nossos dias. Mas Lutero possui um significado que em muito extrapola o luteranismo; no entender de Williston Walker, ele pode ser considerado um vulgo que realmente mudou a direção da história. Não admira, portanto, o fato de um metodista também procurar esclarecer uma pequena faceta da influência de Martinho Lutero, a saber, sua influência no metodismo primitivo, particularmente nos irmãos João e Carlos Wesley. Procurarei destacar três momentos em que o impacto de Lutero se faz sentir por aqueles que, por sua vez, seriam “reformadores” da Inglaterra, no século XVIII.

O PRIMEIRO MOMENTO desse impacto já no século XVI, quando o pensamento revolucionário do monge agostiniano, Martinho Lutero, principalmente por meio dos seus escritos, se faz sentir na Inglaterra, solidamente católico-romana.

Já no século XIV, João Wiclif, afamado intelectual e professor da Universidade de Oxford, havia redescoberto o leigo. Proclamando Jesus Cristo como o único Senhor do Cristão e insistindo na pobreza evangélica do clero (especialmente do papado), ele pusera a Bíblia nas mãos do

povo no seu próprio idioma e dera impulso prático ao sacerdócio universal dos crentes, através dos “sacerdotes pobres”, também chamados “Lalordos”, os quais, apesar de severas perseguições, permaneceram até a Reforma. No século da Reforma humanistas ingleses como João Colet, de Oxford, e Tomás More, autor da Utopia, lutavam por purificar a Igreja do seu fanatismo, superstição, pompa e corrupção. O próprio Erasmo, holandês, lecionou em Cambridge e ali preparou, mas não publicou, seu Novo Testamento em Grego. Curiosamente, os humanistas viriam a ser formidáveis inimigos de Lutero, mas sua veneração às Escrituras, a publicação do Novo Testamento em Grego, de Erasmo, e seu conceito de um cristianismo puro e bíblico, contribuíram à vitória do Protestantismo na Inglaterra.

Com surpreendente brevidade, as obras de Lutero começaram a circular na Inglaterra. A reação de Henrique VIII foi rápida e violenta: mal havia chegado a notícia do decreto da Dieta de Worms quando rei insistiu na aplicação da bula papa na Inglaterra. O Cardeal Wolsey li-

derou uma pomposíssima procissão pela cidade de Londres a Catedral de São Paulo, levando os livros confiscados de Lutero para serem queimados publicamente. Nessa oportunidade, 12 de maio de 1521, John Fisher, Bispo de Rochester, ao pé da cruz, pregou um forte sermão condenando a heresia luterana. Ato contínuo, o jovem rei escreveu uma violenta obra em defesa dos Sete Sacramentos, contra a

posição de Lutero, a qual lhe mereceu do Papa Leão X o título de Defensor da Fé. Naturalmente, Lutero não ficou quieto mediante tal ataque; respondeu em tom pouco moderado, refutando pela Escritura os argumentos do rei. Tanto Fisher como More imediatamente prepararam replicas, as quais Lutero nunca se dignou responder.

Um outro fator de grande importância na difusão das idéias da Reforma na Inglaterra foi a obra de William Tyndale, pregador e tradutor do Novo Testamento, diretamente do grego (de Erasmo) para o inglês. A oposição ao protestantismo se tornava tão forte que Tyndale não conseguiu terminar sua obra na Inglaterra; fugiu para o continente europeu para isso. É possível, embora não certo, que Tyndale teria tido um passageiro contato com Lutero em Wittenberg, em 1525. O certo é que imprimiu seu Novo Testamento em Worms, em 1525, sendo introduzidos na Inglaterra no ano seguinte, via os portos de Rotterdam e Antuérpia. Foi nesta última cidade que Tyndale foi preso e martirizado por sua fé (1936).

Estamos contando esses episódios mais ou menos em detalhes, a fim de enfatizar a parte de Lutero nos começos da Reforma da Inglaterra. O pensamento de Lutero e a Bíblia, particularmente o Novo Testamento de Tyndale, ganharam muitos adeptos para o protestantismo, muito antes de o país oficialmente aceitar essa fé. Portanto, o fato de a Inglaterra optar pela fé protestante muito se deve a Lutero. Isso significa que os Wesley, mesmo sem o perceber, herdaram os benefícios da obra de Lutero pelo mero fato de nascerem e se criarem em um país protestante.

Mas há um outro ponto que deve ser mencionado, embora brevemente. É o fato de, apesar de a Reforma na Inglaterra finalmente pender muito mais para o lado Calvinista ou Reformado do que para o lado Luterano, a influência de Lutero continua mais forte na Inglaterra do que frequentemente se pensa. A importância disso se alicerça no fato de serem os Wesley herdeiros, por ambos dos pais, da tradição puritana. Notemos dois fatos quanto a influência contínua de Lutero na Inglaterra. O primeiro é que as obras de Lutero continuaram sendo introduzidas e distribuídas na Inglaterra, não em latim, mas traduzidas para o inglês a fim de torná-las disponíveis não só aos eruditos, como também ao povo comum. Assim, a primeira edição em

*[Edição original página 61/62]*

inglês do Comentário de Lutero aos Gálatas apareceu em 1575, no tempo da Rainha Isabel (ou Elizabeth I), quando muitos protestantes ingleses voltavam do seu exílio no continente (principalmente de Genebra, mas também de Wittenberg e alhures) e começavam a exigir a “purificação” da Igreja de elementos “romanos” que permaneciam. O Bispo Sandy, que forneceu o Prefácio, recomendou o livro ao leitor inglês para sua edificação e para melhor conhecimento do espírito e pensamento do Apostolo Paulo.

Um que veio a se beneficiar de tal leitura, quase um século depois, foi o puritano João Bunyan, o qual testemunha no seu livro *Graça Abundante ao Principal dos Pecadores* (1666):

um dia:

..., o Deus em cujas mãos estão todos os nossos dias, pôs na minha mão um livro de Martinho Lutero; foi seu comentário sobre Gálatas... no qual, depois de ter lido só um pouco, descobri a minha condição, na sua experiência tão ampla e profundamente tratada, como se o seu livro fosse escrito do meu próprio coração... , prefiro este livro de Martinho Lutero sobre Gálatas, excetuando a Bíblia Sagrada, a todos os livros que tenho visto, como o mais adequado para uma consciência ferida.

Portanto, é possível contar adequadamente a história da Reforma na Inglaterra, mesmo na sua fase puritana, sem referência a Lutero e seus escritos. Assim, os Wesley são herdeiros do grande Reformador continental, enquanto ingleses e enquanto descendentes da tradição puritana.

Um SEGUNDO MOMENTO, que contarei resumidamente, tem a ver com uma experiência mediada. Trata-se dos contatos dos irmãos Wesley com os moravos e pietistas. Foi deles que os Wesley tiveram os seus primeiros conhecimentos de Lutero. João Wesley registra no seu *Journal* (diário público) que, no início da sua viagem a Geórgia, como missionário, ele começou a estudar o alemão, a fim de se comunicar com o Bispo Davi Nitschmann e os 25 imigrantes alemães que o acompanhavam (17/10/ 1735). A admiração de Wesley pela

[Edição original página 62/63]

humildade desses irmãos, em fazer prontamente os serviços mais humildes, e pela fé na tempestade que a todos os demais apavorava, e muito bem conhecida. Também o é a instrução espiritual que

Wesley recebeu de Augusto G. Spangenberg, em Geórgia, e ainda de Pedro Bohler imediatamente antes da sua experiência religiosa.

Martinho Lutero não chegava a Wesley na forma pura, senão mediado por lentes moravos e pietistas. Mesmo dessa forma, houve profundo impacto nos Wesley, os quais mais sofreram real influência luterana, apesar de indireta.

Um dos aspectos mais duradouros deste segundo momento e aquele que queremos destacar aqui, é na área da hinologia. Mencionamos antes que a Reforma Inglesa sofreu forte influência calvinista; além da tendência calvinista dos celebres Trinta e Nove Artigos, esta influência também permeou a música eclesial. Como Calvino admitiu apenas o cântico de Salmos, também na Inglaterra devido a influencia calvinista, cantavam-se só os Salmos em forma metrificada, não os grandes hinos, a exemplo de Lutero.

Os Wesley aprenderam com os moravos na Geórgia a apreciar e a cantar hinos, naturalmente em alemão. Tradicionalmente, temos Carlos Wesley como o hinólogo do Metodismo, pelo fato de ele ter escrito as letras de 6.500 hinos! Mas curiosamente foi João Wesley que, encantado com os hinos moravos, traduziu diversos deles e os publicou, em Savana, Geórgia, em 1737, o primeiro hinário do povo inglês, sob o título *Collection of Psalms and Hymns* (Coleção de Salmos e Hinos). Não traduziu, é claro, os hinos diretamente de Lutero, cujo "Castelo Forte" é mundialmente conhecido hoje. Traduziu sim, hinos de Gerhardt, Scheffler e Terteegen, bem como diversos autores ligados aos pietistas de Halle ou de Herrnhut.

No seu tratado sobre a *Perfeição Cristã*, Wesley informa ter escrito em 1936, o seguinte hino:

Existe algo debaixo do sol  
Que disputa contigo o meu coração?  
Ó, rasga-o dali, e reina sozinho,  
o Senhor de toda a moção ali.

Ele não diz, mas é uma tradução do hino de Tersteegen, *Verborgne Gottes Liebe du*

Um outro exemplo de tradução do alemão e de Freylinghausen, *Wer ist wohl wie du* Eis a ultima estrofe:

Uma mente paciente e vitoriosa  
Que deixa para trás a vida e todas as coisas,  
Nasce obediente à Tua chamada.

[Edição original página 63/64]

Um coração que nenhum desejo pode mover,  
Exceto para adorar, crer e amar  
Dá-me, meu Senhor, minha Vida, meu Tudo.

Os hinos que Wesley traduziu do Gesangbuch (Hinário) de Hernnhut, embora não de Lutero, são saturados de *sola gratia* luterana. Além do significado especial de ser o começo do processo de compartilhar com o povo inglês e, por que não dizer, com os cristãos do mundo de fala inglesa, O privilégio de cantar hinos de louvor a Deus nos seus cultos, constituem uma parte importante do preparo dos Wesley para sua experiência religiosa, não raro chamada de “conversão evangélica” dos dois irmãos. É o papel dos escritos de Lutero nas experiências de Carlos e de João Wesley, respectivamente nos 21 e 24 de maio de 1738 que constitui o terceiro momento do impacto de Lutero sobre os Wesley que passamos a descrever.

O TERCEIRO MOMENTO: A conversão evangélica de Carlos e João Wesley. A ordem é significativa, pois a experiência de Carlos ocorreu no Domingo de Pentecoste, dia 21 de maio de 1738, o de João no próximo dia 24. Não é a nossa intenção meramente contar de novo a história destas experiências, senão de enfatizar a influência dos escritos de Lutero nos dois casos. Devemos lembrar que os dois vinham buscando uma fé pessoal em Cristo e uma vida de íntima comunhão com Deus desde os tempos dos “Metodistas de Oxford”, também chamado de “Clube Santo”, a saber, desde 1729. Foi nessa busca que foram como missionários a Geórgia. De volta a Inglaterra, a busca continuou.

Pedro Bohler, enviado como missionário as colônias inglesas da América, passou três meses na Inglaterra. Ele fora pastor Luterano em Berthelsdorf, tendo antes experimentado a fé pessoal em Cristo quando estudante na Universidade de Jena. Atraído ao Conde Zinzendorf, Bohler foi depois ordenado por aquele como ministro moravo. Durante sua estada na Inglaterra, ele muito privou com os Wesley. Durante boa parte do período, Carlos se encontrava com pleurisia, tendo recebido muitas visitas do jovem moravo. Numa delas, como Carlos registrou no seu *Journal* (28/4/1738):

Ele [Bohler] se pôs em pé perto da minha cama, e orou sobre mim, que ao menos agora eu pudesse perceber a intenção divina da minha recente enfermidade.

Eu imediatamente pensei que essa fosse que eu considerasse de novo a doutrina de

[Edição original página 64/65]

fé de Bohler a examinar-me a mim mesmo para ver se estava na fé; e se não estivesse, a nunca cessar de buscá-la e ansiar por ela até que a obtivesse.

João escreveu no seu *Journal* no dia 3/5/1738, na véspera da partida de Bohler: “Meu irmão [Carlos] teve uma longa conversação em particular com Pedro Bohler. Agora agradeu a Deus abrir-lhe os olhos, e ele percebeu claramente a natureza da única fé viva e verdadeira, pela qual somente “pela graça, somos salvos”. Carlos confirma isso pelo registro do seu *Journal* do dia 11: “Há dias eu havia me despedido de Pedro Bohler, confessado minha descrença e falta de perdão, mas havia declarado minha firme persuasão de que receberia a expiação antes de morrer. Sua resposta fora: “Seja feito segundo a tua fé”.

Novamente doente, Carlos foi levado a casa de um certo Sr. Bray, um mecânico “que nada conhece senão a Cristo, e, conhecendo-o, sabe e discerne tudo” (*Journal* de Carlos Wesley, 11/5/1738). A esta altura, um certo William Holland o visitou, levando consigo um exemplar do Comentário sobre Gálatas, de Martinho Lutero. Tanto Holland como Carlos Wesley nos deixaram uma narrativa do evento, muito importante a ambos. Holland relata que levou o Comentário, “um mui precioso tesouro” e que o próprio Carlos leu a parte introdutória. Quando ele chegou a seguinte passagem, Holland experimentou um poder transformador:

Então, não temos nada a fazer? Não fazemos nenhuma obra para a obtenção desta justiça? Respondo: Nada mesmo! Pois a natureza desta justiça é não fazer nada, não ouvir nada, não saber coisa alguma da lei ou das obras, mas

saber e crer só isso: que Cristo já foi ao Pai e agora não se vê, que ele está sentado no céu à direita de seu Pai, não como Juiz, mas feito para nós sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.<sup>1</sup>

Assim Holland descreve sua reação:

... então veio sobre mim poder que não posso descrever; meu grande peso caiu num instante; meu coração se encheu de paz e amor de tal forma que irrompi em lágrimas... Meus companheiros, percebendo-me deste modo afetado, caíram de joelhos e oraram. Depois, quando sai para a rua, mal sentia o chão em que andava.<sup>2</sup>

Carlos, no seu *Journal*, o confirma:

“Meu amigo, ao ouvi-lo, foi de tal maneira afetado que exalou suspiros e gemidos inexprimíveis”.

[Edição original página 65/66]

Conforme o testemunho de Carlos, esta foi a primeira vez que vira o Comentário de Lutero, tendo achado Lutero “notavelmente cheio de fé”. O Comentário trouxe a confirmação daquilo que Bohler lhe havia ensinado, mas, face ao ensino comum da Igreja da Inglaterra da época, parecia um novo Evangelho!

Quem creia que nossa Igreja tivesse sido fundada neste importante artigo de justificação só pela fé? Estou estarecido de que pudesse jamais pensar ser ela uma nova doutrina, mormente enquanto nossos Artigos e Homilias continuam em vigor, e a chave do co-

---

<sup>1</sup> Transcrito de *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians*. London, James Clark, terceira ed., 1961, p. 25. O versículo é de 1 Co 1.30; ele se tornou um texto favorito de J. Wesley, presumivelmente mais uma influência de Lutero.

<sup>2</sup> Citado no Prefácio do Editor da obra citada acima, p. 12.

nhecimento ainda não foi removida: Desde então tentei convencer quantos de nossos amigos vissem desta verdade fundamental, a saber, a salvação só pela fé, não uma fé vazia, morta, mas uma fé que opera pelo amor e que necessariamente produz todas as boas obras e santidade.

Depois de Holland sair, Carlos passou diversas horas lendo o Comentário. A parte final do Capítulo 2 foi-lhe especialmente confortadora. Sem dúvida, ele se refere ao comentário que Lutero faz de Gl 2.20b ("... o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.") Lutero dedica mais de duas páginas enfatizando e explicando o sentido do "ME" e "POR MIM". A uma certa altura, ele exorta:

Leia, portanto, com grande veemência estas palavras "ME" e "POR MIM", e assim intimamente pratica contigo mesmo que tu, com uma fé segura, podes conceber e imprimir esse "ME" no teu coração e aplicá-lo a ti mesmo, nunca duvidando que tu sejas do numero a quem este "ME" pertence.

João e alguns companheiros passaram a noite de sábado, dia 20, para o dia 21 em oração. Eles vieram visitar Carlos, ainda seriamente enfermo, às 9 horas do dia 21, o Domingo de Pentecoste. Após sua saída, Carlos se pôs à oração, no seguinte teor:

"O Jesus, Tu disseste 'Virei a ti'; 'Enviei o Consolador'; 'Meu Pai e. eu faremos morada contigo'. Tu és Deus e não podes mentir; confio totalmente na tua promessa; cumpre-a a teu tempo e maneira". Tendo dito isso, recolhi-me para dormir em tranquilidade e paz, quando ouvi alguém entrar no [meu quarto] ... e dizer, "Em nome de Jesus de Nazaré, levanta-te e crê, e serás sarado da tua enfermidade." Eu me perguntei

[Edição original página 66/67]

como teria entrado na sua cabeça falar assim. Dei um suspiro e disse dentro de mim, "Quem me dera que Cristo assim me falasse!" Eu permaneci deitado; depois pensei, "E se foi Ele mesmo? Vou chamar para verificar". Toquei o sino e a Senhora Turner atendeu;... Ela disse, "Fui eu, débil e pecaminosa criatura, quem falou, mas as palavras eram de Cristo; ele me mandou dizê-las e de tal modo me constrangeu que não pude mais resistir". (*Journal*, C. W.).

Muito mais conhecida e a experiência de João Wesley, a qual ele descreve no seu *Journal*, na forma de uma sucinta autobiografia espiritual. Por já estar impressa em diversos lugares, inclusive no meu *Metodismo Brasileiro e Wesleyano* (pgs. 63/76), não transcreverei aqui, a não ser a parte que mais diretamente se diz respeito a Lutero. Referindo-se aos acontecimentos da noite do dia 24 . de maio, 3 dias após a experiência de Carlos, João diz que na sociedade da Rua Aldersgate, em Londres, por volta de 20 horas e 45 minutos, alguém lia do Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Quando o leitor leu a parte que descreve "a mudança que Deus opera no coração pela fé em Cristo", Wesley experimentou esta fé, acompanhada da segurança de que ele fora perdoado dos seus pecados, ou seja, justificados pela Fé.

O trecho que estava sendo lido, é claro, é o Prefácio que Lutero preparou como a introdução à Epístola aos Romanos, o qual o Reformador . considerava "o documento mais importante do Novo Testamento, o Evangelho na sua expressão mais pura." No Prefácio, Lutero afirma ser necessário para entender-se a Epístola

la, a compreensão dos seus vocábulos chaves tais como: “lei, pecado, graça, fé, justiça, carne, espírito,” etc. Ele procede a definir esses termos e, depois, fornece o leitor com um sumário de cada capítulo do livro.

Pela impossibilidade de determinar o parágrafo exato que lia, e pela riqueza do trecho todo, transcreverei aqui 4 parágrafos sobre a Fé. Através dessas palavras, Martinho Lutero, morto quase 200 anos, falou de modo decisivo a João Wesley, fazendo com que este, também, visse a ser um reformador.

A Fé não é um sonho ou ilusão humana, muito embora haja muitos que a entendem assim. Quando percebem que a fé não é seguida por uma melhoria ética ou boas obras, enquanto muito se fala sobre a fé, caem no erro de declarar que a fé não é suficiente, que temos que praticar “obras” se vamos nos tornar justos e ganhar a salvação. A razão é que, quan-

*[Edição original página 67/68]*

do ouvem o evangelho, eles não compreendem o ponto principal. Nos seus corações, e dos seus próprios recursos, eles fabricam a idéia que chamam de “crença”, a qual tratam como se fosse a fé genuína. No entanto, é apenas uma “fabricação humana”, uma idéia sem experiência correspondente no fundo do coração. É, portanto, ineficaz e não é seguida por uma vida melhorada.

Fé, porém, é algo que Deus efetua em nós. Ela nos transforma, e somos renascidos de Deus, *João 1 | v. 13*. A fé mata o velho Adão, e nos transforma em homens bem diferentes em coração, mente, e em todos os nossos poderes; ela é acompanhada pelo Espírito Santo.

Ó, quanto a fé, que coisa viva, criativa, ativa e poderosa! Ela não pode deixar de praticar o bem em todos os tempos. Ela não espera para perguntar se existe alguma boa ação a ser praticada. Pelo contrário, antes de fazer a pergunta, já praticou a ação, e continua a praticá-la. Um homem inativo na prática do bem é um homem sem fé! Ele está tateando em busca da fé e de boas obras, sem saber o que é a fé ou as obras. No entanto, continua a falar bobagem a respeito da fé e das boas obras.

Fé é uma viva e inabalável confiança, uma crença, na graça de Deus, tão segura que um homem morreria mil vezes por amor dela. Esta espécie de fé ou de confiança na graça de Deus, este naipe de conhecimento dela, nos torna alegres, animados, e dispostos em nosso relacionamento com Deus e com todos os homens. É isso que o Espírito Santo efetua através da fé. De modo que, o homem de fé, sem ser constrangido, pronta e alegremente procura fazer o bem a todos, servir a todos, sofrer todas as dificuldades, pelo amor e pela glória de Deus que lhe mostrou tal graça. É impossível, realmente, separar obras da fé, como é impossível separar o calor da luz do fogo.

Muito cuidado, portanto, com conceitos errados próprios, ou daqueles que falam absurdos sobre a fé e obras, pensando que estão fazendo astutos juízos, quando realmente estão se mostrando os maiores tolos. Orai a Deus, pedindo-lhe para criar fé em vós, se não nunca a tereis, não

*[Edição original página 68/69]*



importa o quanto tentais enganar-vos a vós mesmos, ou quão grandes os vossos esforços e capacidades.<sup>3</sup>

Sem dúvida alguma, há muitas outras facetas do relacionamento de Martinho Lutero e João Wesley. Alguns autores enfatizam as diferenças entre os dois, e certamente elas existem. Eu me lembro que, há quase vinte anos eu quis fazer minha tese de doutorado sobre o tema, “João Wesley, o Protestante”, pretendendo examinar a maneira que Wesley encrava os grandes conceitos reformistas de justificação pela fé, a autoridade da Palavra, o sacerdócio universal dos crentes, etc. Meu projeto não foi aceito, por entenderem os peritos que havia grandes discrepâncias entre Lutero e Wesley sobre os pontos em apreços. Hoje, quase duas décadas depois, sei muito mais sobre Wesley e sobre Lutero; aprecio melhor, talvez, as *diferenças* entre os dois. Mas creio que posso ver, apesar das diferenças, que são reais, uma essencial afinidade entre os dois servos de Deus. Se é verdade que o Reformador alemão, na sua luta contra a salvação pelas obras humanas, nem sempre se lembrava da santificação, é também verdade que sua descrição de fé pressupõe as obras: “Ela não espera perguntar se existe alguma boa ação a ser praticada. Pelo contrário, antes de fazer a pergunta, já praticou a ação, e continua a praticá-la.”

Nos, Metodistas, então, temos uma enorme dívida de gratidão para com Lutero, e queremos expressar-lhe nossa homenagem, nesse 500º. aniversário do seu nascimento. Queremos sugerir, atra-

vés do presente artigo alguns aspectos de relacionamento de Wesley a Lutero. E desejamos que Metodistas e Luteranos, indo além do princípio de Meldenius (“unidade no essencial, liberdade no secundário, e caridade em ambos”<sup>4</sup>), aprendam a viver o verdadeiro ecumenismo, o espírito de diálogo franco e leal, o espírito de respeito mútuo, o espírito de sincera cooperação nos interesses do Reino, na busca não só da unidade da Igreja mas da unidade da humanidade.

[Edição original página 69/70]

---

<sup>3</sup> Op. cit. pp. 179-180.

---

<sup>4</sup> “Meldenius” é, presumivelmente, o pseudônimo de Pedro Meiderlin, teólogo Luterano, o qual escreveu um tratado em 1621, em plena Guerra dos Trinta Anos, apelando para a tolerância religiosa.